VIVÊNCIA DO PACIENTE NO PÓS-OPERATÓRIO ESTÉTICO: UM OLHAR SOBRE A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM

ENFERMAGEM

AUTORES: ANA CRISTINA SILVA SOUSA, GRAZIELA GASPAR, VITÓRIA LETÍCIA GONÇALVES DE SOUSA E MARIA JÚLIA BOSSOLAN

ORIENTADOR (A): Ruas**,** Matheus de Andrade

COORIENTADOR(A): Belmonte**,** Gislaine

1 RESUMO

O Brasil ocupa posição de destaque no cenário mundial de cirurgias plásticas, com aproximadamente 2,35 milhões de procedimentos estéticos realizados, segundo a ISAPS (2024). Esse crescimento acelerado evidencia a necessidade de assistência pós-operatória qualificada e segura, uma vez que o período de recuperação exige monitoramento especializado para prevenir complicações como seroma, hematoma, deiscência de sutura e infecções. O presente estudo tem como objetivo analisar o relato e a vivência de pacientes no pós-operatório estético, comparando a assistência prestada por enfermeiros habilitados com aquela realizada por profissionais não habilitados. Trata-se de um estudo transversal, de abordagem mista, que foi realizado entre agosto e setembro de 2026, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário online com no mínimo 31 participantes adultos submetidos a cirurgias estéticas nos últimos 12 meses. Espera-se demonstrar que a presença do enfermeiro qualificado impacta positivamente na segurança, na prevenção de complicações e na qualidade do cuidado recebido, contribuindo para a valorização da Enfermagem Estética e para a construção de protocolos assistenciais baseados em evidências.

Palavras-chave: Enfermagem Estética; Pós-operatório; Cirurgia Plástica; Segurança do Paciente; Relato do Paciente.

ABSTRACT

Brazil holds a prominent position in the global plastic surgery scenario, with approximately 2.35 million aesthetic procedures performed, according to the International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS, 2024). The rapid growth in the number of aesthetic procedures highlights the need for qualified and safe postoperative care, as the recovery period requires specialized monitoring to prevent complications such as seroma, hematoma, wound dehiscence, and infections. This study aims to analyze patients' experiences and reports regarding postoperative care following aesthetic surgery, comparing the care provided by qualified nurses with that provided by professionals without specific qualifications in the field. This is a cross-sectional study with a mixed-methods approach, conducted between August and September 2026, following approval by the Research Ethics Committee. Data will be collected through an online questionnaire administered to at least 31 adult participants who underwent aesthetic surgery within the previous 12 months. The study is expected to demonstrate that the presence of a qualified nurse positively impacts patient safety, the prevention of postoperative complications, and the quality of care provided. Furthermore, the findings may contribute to the recognition and development of Aesthetic Nursing as a specialized field and support the development of evidence-based care protocols.

Keywords: Aesthetic Nursing; Postoperative Care; Plastic Surgery; Patient Safety; Patient Experience.

2 INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa posição de liderança no ranking mundial de cirurgias plásticas. Segundo o relatório global da *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* (ISAPS, 2024), o país realizou aproximadamente 2,35 milhões de procedimentos cirúrgicos estéticos no último período analisado, consolidando-se como o país que mais realiza esse

tipo de intervenção no mundo. Dados do mesmo relatório indicam que o mercado estético apresenta um crescimento expressivo, acumulando um aumento de 42,5% no número global de procedimentos entre os anos de 2021 e 2024. Diante desse cenário de expansão, a demanda por cuidados pós-operatórios qualificados tornou-se uma necessidade premente. O período de recuperação exige assistência especializada e contínua, sendo o profissional de enfermagem aquele que mantém maior contato direto com o paciente, responsável por ações fundamentais que variam

desde a avaliação clínica e monitoramento de sinais vitais até orientações educativas para o autocuidado domiciliar.

O pós-operatório de cirurgias estéticas é um período crítico, marcado por riscos de complicações que, se não manejadas precocemente, podem comprometer o resultado cirúrgico e a segurança do paciente. Entre as intercorrências mais frequentes citadas na literatura estão o seroma, a deiscência de sutura, hematomas, infecções de sítio cirúrgico e alterações na cicatrização (Duarte et al., 2025). Estudos recentes, como o de Carneiro e Santos (2024), apontam que o manejo adequado dessas condições depende diretamente da monitorização contínua por profissional capacitado. A enfermagem assume, portanto, um papel central no monitoramento da evolução cicatricial, na identificação precoce de sinais flogísticos e na execução de intervenções técnicas que previnem o agravamento de quadros clínicos (Hussein, 2024; Sales, 2024). A ausência de um acompanhamento qualificado neste estágio pode resultar em desfechos desfavoráveis e maior sofrimento ao paciente (Van Wicklin, 2024).

A atuação do enfermeiro neste contexto é respaldada por um sólido arcabouço legal e ético. O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), por meio das Resoluções nº 529/2016, nº 626/2020 e nº 715/2023, regulamenta o exercício da Enfermagem Estética no Brasil, estabelecendo competências e procedimentos que podem ser realizados com autonomia técnica pelo enfermeiro especialista. No âmbito da assistência pós-operatória, o Conselho Regional de Enfermagem do Espírito Santo (COREN-ES), através do Parecer Técnico nº 08/2024, reafirma a autonomia do enfermeiro para tomar decisões clínicas sobre feridas, incluindo a retirada de pontos e drenos mediante avaliação técnica, sem necessidade de prescrição médica para tal ato. No mesmo sentido, o COREN-SP (2022) destaca a competência do enfermeiro na realização de suturas e retirada de pontos. Essa

autonomia permite a realização de procedimentos essenciais, como punção de seroma e remoção de drenos, diferenciando significativamente o cuidado prestado por um enfermeiro habilitado daquele realizado por profissionais sem formação específica em enfermagem, impactando diretamente na segurança do paciente.

Considerando o panorama epidemiológico de crescimento das cirurgias plásticas, as complexidades clínicas inerentes ao pós-operatório e o respaldo legal para a atuação autônoma da enfermagem, este estudo estrutura-se a partir da seguinte questão norteadora:

"Como pacientes adultos submetidos a cirurgias plásticas estéticas percebem a vivência no pós-operatório, considerando a assistência prestada por enfermeiros habilitados em comparação com o acompanhamento realizado por profissionais sem habilitação em enfermagem, no que se refere à segurança, à prevenção de complicações e à qualidade do cuidado recebido?"

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade urgente de compreender o relato do paciente como indicador central da qualidade assistencial, em um momento onde o Brasil vivencia um aumento exponencial na realização de procedimentos estéticos. A proliferação de serviços de acompanhamento pós-operatório realizados por profissionais não habilitados expõe os pacientes a riscos aumentados de intercorrências não diagnosticadas. Dessa forma, o estudo busca evidenciar a importância técnica e científica do enfermeiro na recuperação cirúrgica, contribuindo para a consolidação da Enfermagem Estética como especialidade fundamental para a segurança clínica e para a obtenção dos resultados estéticos esperados pelo paciente.

3 OBJETIVO

A crescente busca por procedimentos estéticos no Brasil, que ocupa posições de destaque no ranking mundial de cirurgias plásticas, traz consigo a necessidade de uma assistência pós-operatória rigorosa e especializada. Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2023), o país realiza anualmente mais de 1,5 milhão de cirurgias

estéticas, o que demanda uma rede de suporte assistencial capaz de gerenciar a complexidade inerente a esses procedimentos. O período pós-operatório é uma fase crítica, na qual o paciente está vulnerável a complicações como seromas, deiscências de sutura, infecções e eventos tromboembólicos, que podem comprometer não apenas o resultado estético, mas a própria vida do indivíduo (Saucedo et al., 2020).

Nesse cenário, a atuação do enfermeiro é fundamental, pois este profissional possui a competência técnica para realizar a vigilância constante, o manejo de drenos, curativos complexos e a identificação precoce de sinais de alerta. De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2025), a especialidade de Enfermagem Estética exige uma formação sólida e ética, garantindo que os procedimentos de maior complexidade sejam realizados privativamente por

enfermeiros especialistas. A qualificação profissional, portanto, apresenta-se como o principal pilar para a segurança do paciente, diferenciando uma assistência baseada em evidências científicas de práticas realizadas por profissionais não habilitados, que muitas vezes negligenciam protocolos de segurança fundamentais (Machado et al., 2025).

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de compreender o relato e a vivência do paciente sobre esse cuidado. Muitas vezes, o foco do paciente recai apenas sobre o resultado final da cirurgia, subestimando a importância do acompanhamento profissional qualificado no pós-operatório. Ao analisar a vivência desses pacientes e comparar a assistência recebida por diferentes níveis de qualificação profissional, esta pesquisa busca evidenciar o impacto direto da enfermagem especializada na redução de riscos e na promoção de uma recuperação segura e satisfatória (Silva et al., 2024). Academicamente, o trabalho contribui para o fortalecimento da Enfermagem Estética como campo de saber científico, oferecendo subsídios para a melhoria dos protocolos de atendimento e para a valorização da categoria profissional (Duarte et al., 2025).

3.1 Objetivo Geral

Analisar o relato e a vivência de pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos estéticos em relação à assistência recebida no período pós-operatório, com ênfase na atuação

da enfermagem, comparando o acompanhamento realizado por enfermeiros qualificados com aquele conduzido por profissionais não qualificados, considerando aspectos relacionados à segurança do paciente, à qualidade das orientações fornecidas, ao manejo de possíveis complicações pós-operatórias e à qualidade do cuidado prestado durante o processo de recuperação cirúrgica.

3.2 Objetivos Específicos

Identificar o relato dos pacientes sobre a segurança do cuidado recebido durante o período pós-operatório estético;

Descrever as principais intervenções de enfermagem no manejo de complicações pós-operatórias em cirurgias estéticas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Panorama da Cirurgia Plástica Estética no Brasil

O Brasil consolidou-se como líder mundial em cirurgias plásticas estéticas, ocupando o primeiro lugar no ranking global pelo volume de procedimentos realizados. Segundo o relatório da International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS, 2024), o país registrou aproximadamente 2,35 milhões de intervenções cirúrgicas estéticas no último período analisado, superando países tradicionalmente reconhecidos nesse segmento, como os Estados Unidos. Este cenário reflete não apenas uma cultura estética consolidada, mas também o avanço tecnológico e a acessibilidade crescente a esses procedimentos no território nacional.

O crescimento do mercado estético brasileiro tem sido exponencial. Entre os anos de 2021 e 2024, o aumento acumulado no número global de procedimentos estéticos foi de 42,5% (ISAPS, 2024). No contexto brasileiro, esse crescimento é ainda mais expressivo, impulsionado por fatores socioculturais, econômicos e pelo aprimoramento das técnicas cirúrgicas. A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2023) destaca que o país realiza anualmente mais de 1,5 milhão de cirurgias estéticas, envolvendo procedimentos como mamoplastia, abdominoplastia, lipoaspiração, ritidoplastia e blefaroplastia.

Esse panorama de expansão traz consigo desafios significativos para o sistema de saúde, especialmente no que diz respeito à assistência pós-operatória. O aumento no volume de cirurgias demanda uma rede de suporte profissional qualificada e estruturada, capaz de garantir a segurança do paciente durante todo o processo de recuperação. A fase pós-operatória, conforme será abordado nos tópicos subsequentes, é um período crítico que exige vigilância constante e intervenções técnicas especializadas, tornando essencial a presença de profissionais capacitados para o manejo adequado das possíveis intercorrências.

4.2 O Período Pós-Operatório em Cirurgia Estética

O pós-operatório de cirurgias plásticas estéticas é um período delicado e determinante para o sucesso do procedimento. Trata-se de uma fase em que o paciente está particularmente vulnerável a complicações que, se não identificadas e manejadas precocemente, podem comprometer não apenas o resultado estético esperado, mas também colocar em risco a integridade física e, em casos extremos, a vida do indivíduo. As complicações pós-operatórias mais frequentes incluem o seroma, hematoma, a deiscência de sutura, infecções de sítio cirúrgico, necrose tissular e eventos tromboembólicos

(Carneiro; Santos, 2024; Duarte et al., 2025).

O seroma, caracterizado pelo acúmulo de líquido seroso no espaço subcutâneo, é uma das intercorrências mais comuns em abdominoplastias e mamoplastias. Sua formação está relacionada à dissecção extensa de tecidos, podendo gerar desconforto, distensão abdominal e retardo na cicatrização. O manejo adequado inclui a drenagem por meio de punção estéril, procedimento que exige técnica asséptica rigorosa e deve ser realizado por profissional habilitado (Carneiro; Santos, 2024).

O hematoma, por sua vez, resulta do acúmulo de sangue em cavidades cirúrgicas, podendo evoluir para infecção ou necrose tecidual caso não seja prontamente evacuado. Sua identificação precoce depende da vigilância constante do profissional de enfermagem, que

deve estar atento a sinais como edema progressivo, dor desproporcional, alteração da coloração da pele e presença de equimoses extensas (Duarte et al., 2025).

A deiscência de sutura, embora menos frequente, representa uma complicação grave que pode expor tecidos profundos e levar à infecção secundária. Fatores de risco incluem tensão excessiva na linha de sutura, infecção local, desnutrição e tabagismo. A identificação precoce dessa condição e a intervenção adequada são fundamentais para evitar sequelas cicatriciais permanentes (Saucedo et al., 2020).

As infecções de sítio cirúrgico constituem uma das principais causas de morbidade no pós-operatório estético. Manifestam-se por meio de sinais flogísticos como hiperemia, calor local, dor e secreção purulenta. O manejo inclui antibioticoterapia direcionada, curativos especializados e, em casos mais graves, desbridamento cirúrgico. A prevenção dessa complicação está diretamente relacionada à técnica cirúrgica adequada e ao acompanhamento pós-operatório rigoroso (Saucedo et al., 2020).

Adicionalmente, eventos tromboembólicos, como trombose venosa profunda (TVP) e embolia pulmonar, representam riscos graves que exigem monitoramento criterioso. Pacientes submetidos a procedimentos de longa duração, com mobilidade reduzida no pós-operatório, apresentam risco aumentado para essas complicações, sendo fundamental a implementação de

medidas profiláticas e a orientação adequada quanto à deambulação precoce (Saucedo et al., 2020).

Diante desse cenário, fica evidente que o período pós-operatório exige acompanhamento por profissional qualificado, com competência técnica para identificar precocemente sinais de alerta e intervir de forma adequada e segura, minimizando riscos e promovendo uma recuperação satisfatória.

4.3 Atuação do Enfermeiro no Pós-Operatório Estético

A atuação do enfermeiro no pós-operatório de cirurgias plásticas estéticas é fundamentada em competências técnicas, científicas e éticas que asseguram a qualidade e a segurança do cuidado prestado ao paciente. O enfermeiro especialista em estética possui formação sólida que o capacita para realizar avaliações clínicas sistemáticas, monitorar sinais vitais, identificar precocemente complicações, realizar procedimentos invasivos, gerenciar curativos complexos e promover a educação em saúde voltada ao autocuidado domiciliar (Hussein, 2024).

Entre as principais competências do enfermeiro no contexto do pós-operatório estético, destacam-se:

Avaliação Clínica e Monitoramento: O enfermeiro realiza a avaliação física detalhada do paciente, observando a evolução da ferida operatória, a presença de sinais flogísticos, a integridade das suturas, o funcionamento dos drenos e a perfusão tecidual. Essa vigilância contínua permite a identificação precoce de intercorrências, possibilitando intervenções rápidas e eficazes (Hussein, 2024).

Manejo de Drenos: A instalação, manutenção e retirada de drenos são procedimentos privativos do enfermeiro. O dreno tem a função de prevenir o acúmulo de líquidos serosos ou sanguinolentos em cavidades cirúrgicas, reduzindo o risco de seroma e hematoma. O enfermeiro é responsável por monitorar o débito, as características do líquido drenado e o funcionamento adequado do dispositivo, além de decidir o momento oportuno para sua retirada com base em critérios técnicos (Sales, 2024).

Curativos Especializados: O cuidado com a ferida operatória exige conhecimento sobre os tipos de coberturas, técnicas assépticas e produtos indicados para cada fase da cicatrização. O enfermeiro avalia a necessidade de curativos oclusivos, semioclusivos ou interativos, bem como a

aplicação de terapias adjuvantes que favoreçam a epitelização e reduzam o risco de infecção (Sales, 2024).

Punção de Seroma: A punção de seroma é um procedimento técnico que exige habilidade, conhecimento anatômico e técnica asséptica rigorosa. O enfermeiro habilitado possui autonomia para realizar esse procedimento, prevenindo complicações decorrentes do acúmulo prolongado de líquido seroso, como infecção secundária e deformidades estéticas (Van Wicklin, 2024).

Retirada de Pontos: Conforme estabelecido pelos Conselhos Regionais de Enfermagem, a retirada de pontos é uma atribuição do enfermeiro, que avalia a cicatrização da ferida operatória e decide, com base em critérios clínicos, o momento adequado para a remoção das suturas, garantindo uma cicatrização adequada e esteticamente satisfatória (Sales, 2024).

Identificação Precoce de Intercorrências: O conhecimento científico do enfermeiro permite a identificação precoce de sinais de alerta, como alterações na coloração da pele, presença de secreções anormais, edema desproporcional, dor intensa ou sinais sistêmicos de infecção. Essa vigilância é determinante para evitar complicações graves (Hussein, 2024).

Educação em Saúde: O enfermeiro desempenha papel fundamental na orientação do paciente quanto aos cuidados domiciliares, incluindo higiene da ferida operatória, uso de medicações prescritas, sinais de alerta que exigem atenção médica imediata, restrições de atividades físicas, uso de cintas compressivas e cuidados com a alimentação. Essa orientação é essencial para promover a autonomia do paciente e reduzir o risco de complicações evitáveis (Van Wicklin, 2024).

Humanização do Cuidado: Além das competências técnicas, o enfermeiro atua no acolhimento emocional do paciente, compreendendo suas expectativas, ansiedades e necessidades individuais. Esse aspecto humanizado do cuidado contribui para uma experiência positiva e para a adesão do paciente às orientações fornecidas (Hussein, 2024).

A atuação do enfermeiro no pós-operatório estético diferencia-se significativamente da assistência prestada por profissionais sem formação específica, uma vez que estes não

possuem o embasamento teórico, a competência técnica nem o respaldo legal para realizar procedimentos invasivos ou tomar decisões clínicas complexas.

4.4 Regulamentação Legal da Enfermagem Estética

A prática da Enfermagem Estética no Brasil é regulamentada por um arcabouço legal sólido que define as competências, limites de atuação e responsabilidades do enfermeiro especialista. Essa regulamentação visa garantir a segurança do paciente e a qualidade da assistência prestada, diferenciando claramente as atribuições do enfermeiro habilitado daquelas de profissionais sem formação específica em enfermagem.

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), por meio da **Resolução nº 529/2016**, regulamenta a atuação do enfermeiro na área de estética, estabelecendo que procedimentos invasivos, como aplicação de injetáveis, uso de tecnologias e realização de curativos complexos, são privativos do enfermeiro com especialização na área. Essa resolução reconhece a Enfermagem Estética como especialidade e define os requisitos mínimos de formação para o exercício profissional (COFEN, 2016).

Posteriormente, a **Resolução COFEN nº 626/2020** atualiza e amplia as competências do enfermeiro esteta, incluindo procedimentos de dermatologia funcional, terapias faciais e corporais, além de reforçar a necessidade de formação continuada e atualização técnica. Essa resolução também estabelece parâmetros éticos e de segurança que devem ser observados na prática clínica (COFEN, 2020).

A **Resolução COFEN nº 715/2023** reafirma e consolida as regulamentações anteriores, mantendo a Enfermagem Estética como especialidade privativa do enfermeiro com formação específica. Essa resolução é uma resposta às tentativas de flexibilização que poderiam comprometer a segurança do paciente ao permitir que profissionais não habilitados realizem procedimentos complexos (COFEN, 2023).

No âmbito da assistência pós-operatória, o **Parecer Técnico nº 08/2024 do COREN-ES** estabelece de forma inequívoca a autonomia do enfermeiro para a retirada de pontos e drenos, sem

necessidade de prescrição médica para tal ato. O parecer fundamenta-se no conhecimento técnico do enfermeiro e em sua capacidade de avaliar clinicamente a evolução da ferida operatória, decidindo o momento adequado para a remoção dos dispositivos (Coren-Es, 2024).

O **COREN-SP**, por meio do **Parecer nº 001/2022**, também reconhece a competência do enfermeiro para a realização de suturas e retirada de pontos, desde que baseado em avaliação clínica criteriosa. Esse parecer reforça a autonomia profissional do enfermeiro e a importância de sua formação técnica para a segurança do paciente (COREN-SP, 2022).

Recentemente, o **COFEN (2025)** divulgou nota oficial reiterando que a legislação que regulamenta a Enfermagem Estética permanece em vigor, reforçando a necessidade de formação específica e o compromisso ético com a segurança do paciente. A nota destaca que a atuação de profissionais não habilitados em procedimentos estéticos invasivos configura exercício ilegal da profissão e coloca em risco a integridade dos pacientes (Cofen, 2025).

Essa regulamentação diferencia claramente o enfermeiro habilitado de outros profissionais que atuam na área estética sem formação em enfermagem. Profissionais como esteticistas, massoterapeutas e outros têm suas atribuições definidas por regulamentações próprias, que não incluem a realização de procedimentos invasivos, curativos complexos, avaliação clínica ou tomada de decisões terapêuticas. A atuação desses profissionais em atividades privativas da enfermagem constitui infração ética e legal, sujeitando-os a sanções administrativas e penais.

4.5 O relato do Paciente como Indicador de Qualidade

O relato do paciente referente ao cuidado recebido tem sido cada vez mais valorizado como um indicador essencial de qualidade em saúde. Os chamados Patient-Reported Outcomes (PROs) — desfechos relatados pelo paciente — representam medidas subjetivas

que complementam os indicadores clínicos objetivos, oferecendo uma visão integral da experiência do cuidado (Silva et al., 2024).

No contexto das cirurgias plásticas estéticas, a satisfação do paciente não se limita apenas ao resultado estético final, mas abrange toda a jornada de cuidado, incluindo a qualidade do

acompanhamento pós-operatório, o relato de segurança, a clareza das orientações recebidas, a disponibilidade do profissional para esclarecimento de dúvidas e o acolhimento emocional. Estudos recentes demonstram que a presença de um enfermeiro qualificado no pós-operatório está diretamente associada a maiores índices de satisfação do paciente, menor incidência de complicações e melhor adesão às orientações de autocuidado (Silva et al., 2024).

A pesquisa de Silva et al. (2024), que investigou o relato de clientes sobre procedimentos estéticos realizados por enfermeiros, evidenciou que os pacientes valorizam a competência técnica, a segurança proporcionada pelo conhecimento científico do profissional e a capacidade de identificar e manejar intercorrências. Esses achados reforçam a importância de incluir a voz do paciente como elemento central na avaliação da qualidade assistencial.

Machado et al. (2025) destacam que a especialidade de Enfermagem Estética, quando exercida com compromisso ético e técnico, contribui significativamente para a segurança do paciente. Os autores enfatizam que a formação sólida do enfermeiro, aliada à sua capacidade de tomada de decisão clínica, resulta em uma assistência mais segura e humanizada, o que se reflete positivamente na narrativa do paciente.

O relato de segurança, em particular, é um dos aspectos mais valorizados pelos pacientes no período pós-operatório. Sentir-se seguro significa ter confiança na capacidade técnica do profissional, acreditar que possíveis complicações serão identificadas precocemente e saber que receberá orientações claras e fundamentadas cientificamente. Essa narrativa está diretamente relacionada à formação e à habilitação do profissional que presta a assistência.

Assim, a análise do relato do paciente sobre a assistência recebida no pós-operatório estético configura-se como uma ferramenta valiosa para a avaliação da qualidade do cuidado e para a valorização da Enfermagem Estética como especialidade essencial para a segurança e satisfação do paciente.

4.6 Riscos da Assistência por Profissionais Não Habilitados

A crescente demanda por serviços de acompanhamento pós-operatório em cirurgias plásticas estéticas tem sido acompanhada pela oferta de assistência prestada por profissionais sem formação

específica em enfermagem. Essa prática, embora comum em alguns contextos, representa riscos significativos à segurança do paciente, tanto do ponto de vista clínico quanto legal e ético.

Riscos Clínicos: Profissionais sem formação em enfermagem não possuem o conhecimento técnico e científico necessário para identificar precocemente sinais de complicações como infecção, hematoma, seroma, deiscência de sutura ou eventos tromboembólicos. A ausência de capacitação para avaliar clinicamente o paciente pode resultar em diagnósticos tardios, agravamento de quadros clínicos e, em casos extremos, óbito. Procedimentos invasivos como punção de seroma, retirada de drenos e curativos complexos exigem técnica asséptica rigorosa e conhecimento anatômico, aspectos que não fazem parte da formação de profissionais não habilitados em enfermagem. A realização inadequada desses procedimentos pode levar a infecções secundárias, lesões teciduais e sequelas permanentes.

Riscos Legais: A atuação de profissionais não habilitados em atividades privativas da enfermagem configura exercício ilegal da profissão, sujeitando o infrator a sanções previstas na legislação penal brasileira, incluindo processo criminal e indenizações por danos causados ao paciente. O paciente assistido por profissional não habilitado fica vulnerável do ponto de vista legal, uma vez que, em caso de intercorrência, não há respaldo técnico ou institucional que garanta a adequação das condutas adotadas. Além disso, clínicas e cirurgiões que

terceirizam o acompanhamento pós-operatório a profissionais não habilitados podem ser responsabilizados civilmente e criminalmente por negligência e omissão de cuidado.

Riscos Éticos: Do ponto de vista ético, a contratação de profissionais não habilitados para a assistência pós-operatória representa uma violação dos princípios da beneficência, não maleficência e justiça, uma vez que expõe o paciente a riscos evitáveis e compromete seu direito a um cuidado seguro e de qualidade. A ausência de formação específica impede que o profissional compreenda plenamente as implicações de suas ações, comprometendo a autonomia do paciente em tomar decisões informadas sobre seu próprio cuidado.

Impacto na Experiência do Paciente: A assistência prestada por profissionais não habilitados também impacta negativamente a experiência do paciente, que pode sentir insegurança, falta de confiança e receio quanto à evolução de sua recuperação. A ausência de orientações claras,

fundamentadas cientificamente, compromete a adesão ao autocuidado e aumenta a ansiedade do paciente no pós-operatório.

Diante desse cenário, torna-se evidente a importância de garantir que o acompanhamento pós-operatório seja realizado exclusivamente por enfermeiros habilitados, com formação específica e respaldo legal para o exercício de suas competências, assegurando a segurança, a qualidade e a dignidade do cuidado prestado ao paciente.

5 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e analítico, com abordagem quantitativa, realizado com adultos de 20 a 60 anos, submetidos a pelo menos uma cirurgia plástica estética nos últimos 12 meses e que vivenciaram o período pós-operatório, totalizando 31 participantes ao final da coleta.

A pesquisa foi norteada pela seguinte questão: Como pacientes adultos submetidos a cirurgias plásticas estéticas percebem a vivência no pós-operatório, considerando a assistência prestada por enfermeiros habilitados em comparação com o acompanhamento realizado por

profissionais sem habilitação em enfermagem, no que se refere à segurança, à prevenção de complicações e à qualidade do cuidado recebido? A questão norteadora foi estruturada a partir da estratégia P.I.C.O., apresentada no Quadro 1.

Quadro 1: Estratégia PICO aplicada ao estudo

Acrônimo	Significado	Aplicação no Trabalho
P	Population (População)	Adultos (20-60 anos) submetidos a cirurgias estéticas.
I	Intervention (Intervenção)	Acompanhamento pós-operatório realizado por enfermeiro habilitado.

C	Comparison (Comparação)	Acompanhamento realizado por profissional não habilitado em enfermagem.
O	Outcome (Desfecho)	Relato de segurança, prevenção de complicações e qualidade do cuidado.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

A coleta de dados foi realizada de forma on-line, no período de 18 de agosto a 13 de setembro de 2026, por meio de um questionário semiestruturado elaborado no Google Forms. O primeiro contato com os possíveis participantes foi realizado pelo WhatsApp, por meio de um convite para participação na pesquisa, aos interessados, era solicitado o endereço de e-mail para o encaminhamento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O TCLE era encaminhado antes do preenchimento do questionário, juntamente com as orientações para realização da assinatura eletrônica. Após a assinatura do termo, o questionário era enviado ao participante por e-mail, nos casos em que houve dificuldade para realizar a assinatura eletrônica, foi disponibilizada a versão impressa do TCLE para assinatura.

O questionário foi organizado em três etapas. A primeira etapa caracterizou os participantes, contemplando características sociodemográficas e informações relacionadas à cirurgia realizada. A segunda etapa caracterizou o acompanhamento pós-operatório, incluindo a formação do profissional responsável, a frequência do acompanhamento, os procedimentos realizados, a ocorrência de intercorrências e as orientações para o autocuidado. A terceira etapa abordou a percepção dos participantes quanto à segurança, qualidade do cuidado, confiança, satisfação, capacidade técnica percebida, humanização e recomendação do profissional, além de questões abertas sobre a experiência vivenciada no período pós-operatório.

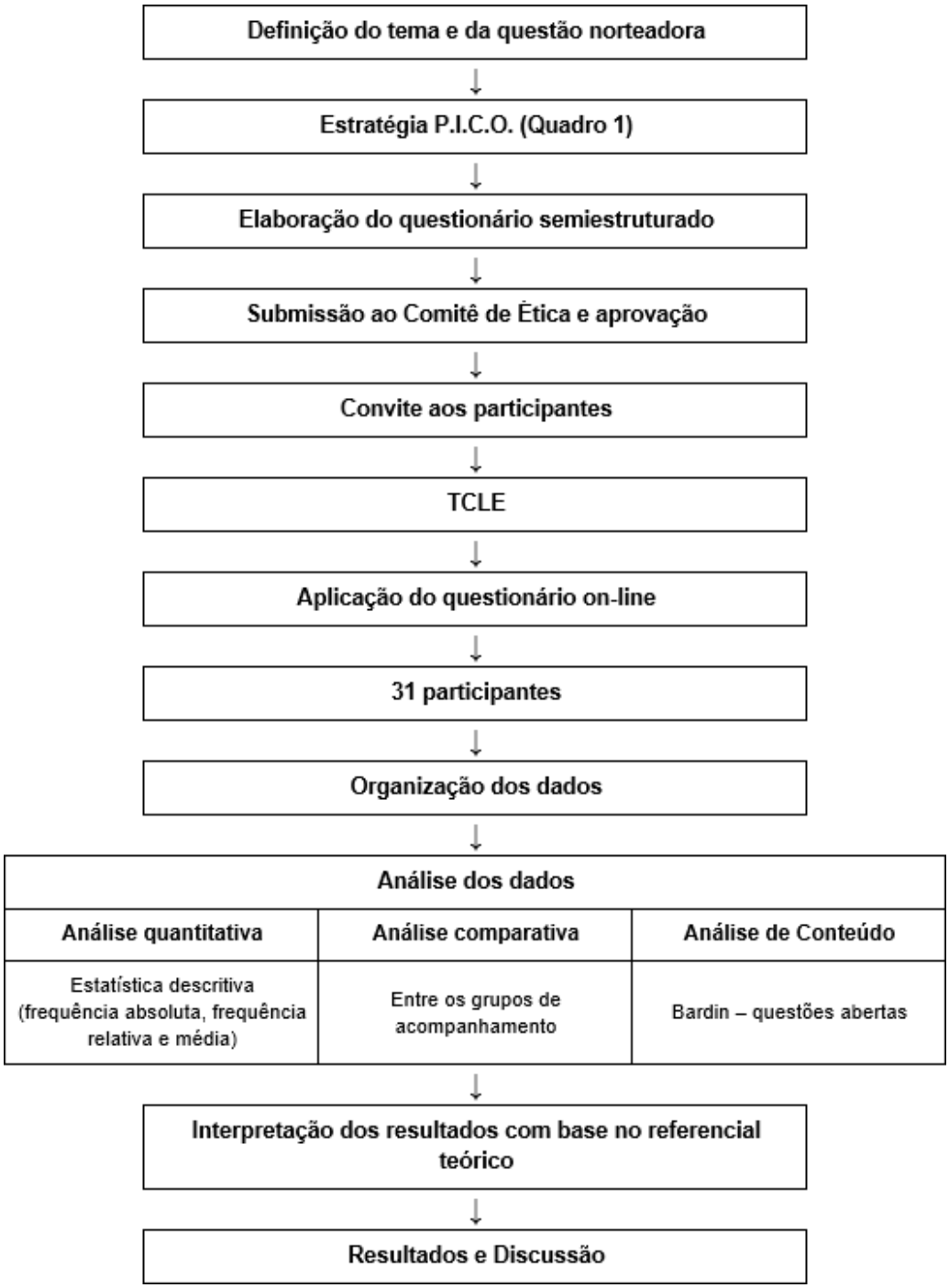
Após o encerramento da coleta, os dados foram organizados para análise e apresentação dos resultados, considerando as respostas dos 31 participantes e a comparação entre os grupos de acompanhamento. Para a análise quantitativa, foi utilizada a estatística descritiva, considerando frequência absoluta, frequência relativa (porcentagem) e média, conforme as variáveis analisadas. A análise comparativa foi realizada entre os participantes acompanhados por enfermeiros com especialização em Enfermagem Estética e aqueles acompanhados por profissionais sem formação em

enfermagem ou que não receberam acompanhamento.

As questões abertas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), buscando identificar e organizar os principais conteúdos presentes nos relatos dos participantes. Os resultados encontrados foram relacionados ao referencial teórico da pesquisa e aos estudos utilizados, permitindo comparar os achados da pesquisa com o que é apresentado na literatura, essa análise serviu de base para a elaboração das seções de resultado e discussão.

A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovada sob o número de aprovação 8.519.750 e CAAE 98170626.3.0000.5490. A pesquisa foi conduzida de acordo com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012 e nº 510/2016, garantindo a participação voluntária, o direito de desistência, o sigilo e a confidencialidade das informações.

Quadro 2: Fluxograma das etapas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

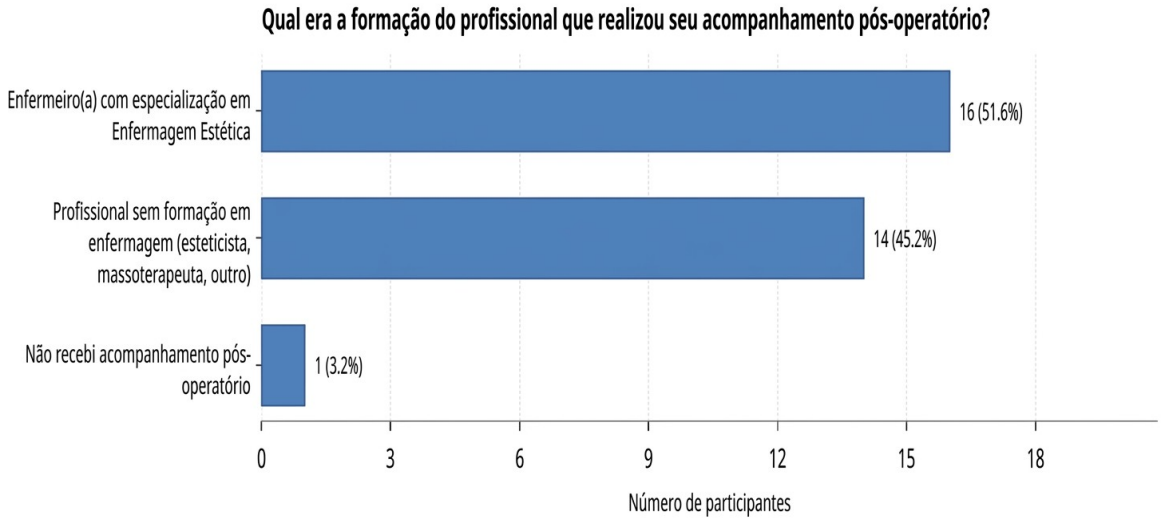
6 RESULTADOS SELECIONADOS DA COLETA DE DADOS

Com o formulário aplicado, foi possível obter respostas de 31 participantes que

realizaram ou deveriam realizar acompanhamento pós-operatório. A maioria informou ter sido acompanhada por enfermeiros com especialização em Enfermagem Estética (51,6%), enquanto 45,2% relataram acompanhamento por profissionais sem formação em enfermagem. Após a coleta, os dados foram organizados e analisados com base nas orientações recebidas, na segurança para esclarecer dúvidas, na disponibilidade do profissional, na ocorrência de complicações e na recomendação do acompanhamento. De modo geral, os resultados demonstraram uma avaliação positiva da assistência prestada; contudo, também evidenciaram a ocorrência de complicações pós-operatórias em parte significativa dos participantes, sendo os dados apresentados e discutidos a seguir.

Amostra: 31 participantes. Apresentação gráfica das sete perguntas selecionadas para análise do acompanhamento pós-operatório

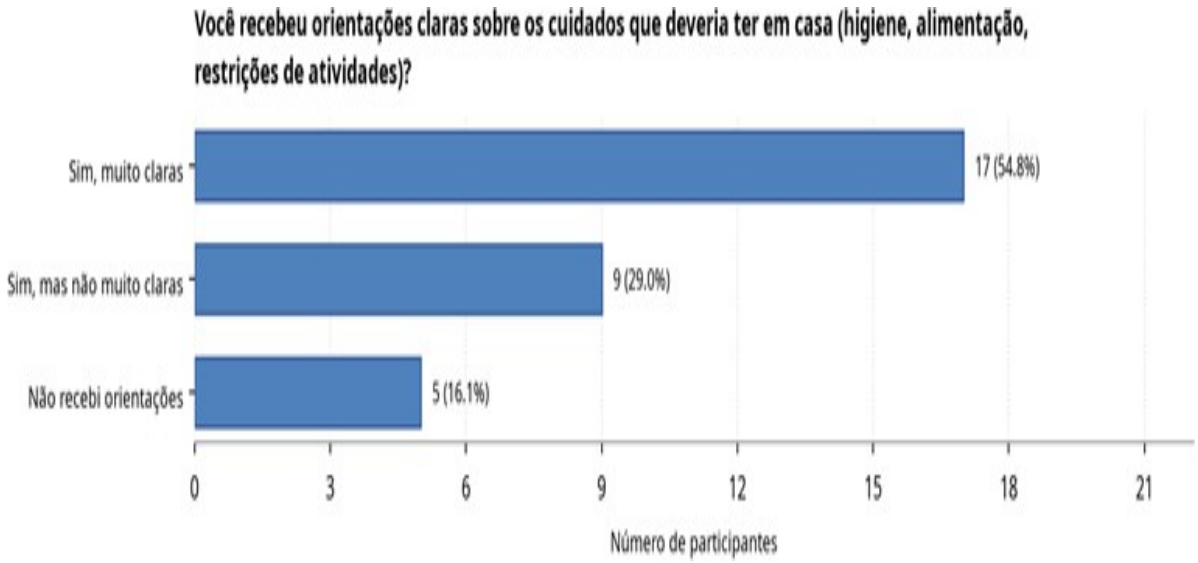
6.1 Qual era a formação do profissional que realizou seu acompanhamento pós-operatório?



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026)

Dos 31 participantes, 16 (51,6%) foram acompanhados por enfermeiros com especialização em Enfermagem Estética, 14 (45,2%) por profissionais sem formação em enfermagem e 1 (3,2%) não receberam acompanhamento.

6.2 Você recebeu orientações claras sobre os cuidados que deveria ter em casa (higiene, alimentação, restrições de atividades)?



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026)

Entre os participantes, 17 (54,8%) consideraram as orientações muito claras, 9 (29,0%) afirmaram que não eram muito claras e 5 (16,1%) não receberam orientações. Entre os acompanhados por enfermeiros, 93,8% avaliaram as orientações como muito claras; no outro grupo, foram 13,3%.

6.3 Você se sentiu seguro(a) para tirar dúvidas com o profissional que te acompanhou?



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026)

No total, 16 participantes (51,6%) sentiram-se totalmente seguros, 9 (29,0%) parcialmente seguros e 6 (19,4%) não se sentiram seguros. A resposta “sim, totalmente” foi registrada por 93,8% dos acompanhados por enfermeiros e por 6,7% do outro grupo.

6.4 O profissional estava disponível para atendê-lo(a) em caso de emergência ou dúvida urgente?



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026)

Quinze participantes (48,4%) relataram disponibilidade sempre, 7 (22,6%) na maior parte das vezes, 6 (19,4%) raramente e 3 (9,7%) informaram que o profissional não estava disponível. Entre os

acompanhados por enfermeiros, 93,8% relataram disponibilidade sempre.

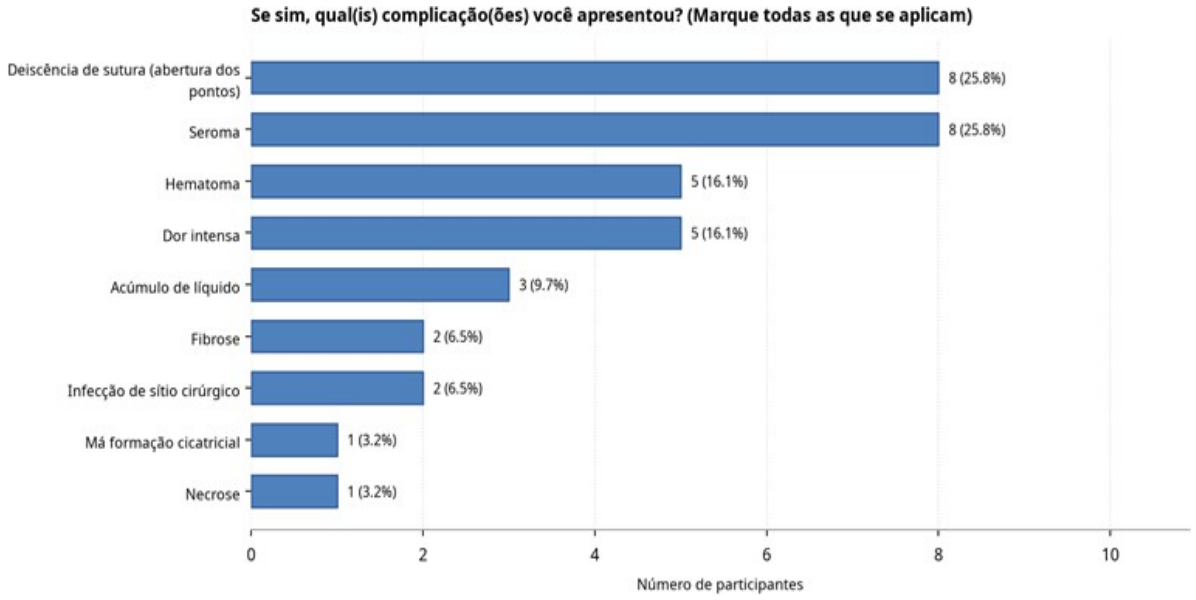
6.5 Você apresentou alguma complicação no pós-operatório?



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026)

Dezessete participantes (54,8%) relataram alguma complicação no pós-operatório, enquanto 14 (45,2%) não relataram complicações. A ocorrência foi de 43,8% entre os acompanhados por enfermeiros e de 66,7% no outro grupo.

6.6 Se sim, qual(is) complicação(ões) você apresentou? (Marque todas as que se aplicam)



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026)

As complicações mais frequentes foram deiscência de sutura e seroma, com 8 registros cada (25,8%). Hematoma e dor intensa foram relatados por 5 participantes cada (16,1%). Como era possível selecionar mais de uma alternativa, os percentuais não totalizam 100%.

6.7 Você recomendaria o profissional que te acompanhou para outras pessoas?



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa (2026)

Dezesseis participantes (51,6%) recomendariam o profissional com certeza, 4 (12,9%) recomendariam com ressalvas e 11 (35,5%) não recomendariam. A recomendação “sim, com certeza” foi indicada por 93,8% dos acompanhados por enfermeiros e por 6,7% do outro grupo.

7 DISCUSSÃO

A vivência do paciente no pós-operatório estético: um olhar sobre a atuação da enfermagem

A presente pesquisa buscou compreender a experiência de pacientes submetidos a cirurgias plásticas estéticas durante o período pós-operatório, considerando a formação do profissional responsável pelo acompanhamento, as orientações recebidas, a ocorrência de complicações e a percepção de segurança, confiança e acolhimento. Participaram do estudo
31 pessoas, cujas respostas foram analisadas considerando dois grupos: pacientes acompanhados por enfermeiros com especialização em Enfermagem Estética e pacientes acompanhados por profissionais sem formação em Enfermagem. Um participante que informou não ter recebido acompanhamento pós-operatório foi considerado separadamente.

Os resultados gerais demonstraram que 54,8% dos participantes relataram alguma complicação no pós-operatório. Entre as intercorrências mencionadas, destacaram-se o seroma e a deiscência de sutura, ambos relatados por 25,8% dos participantes. Esses achados evidenciam que o período pós-operatório pode envolver situações que exigem avaliação clínica, acompanhamento sistemático, orientações adequadas e, quando necessário, encaminhamento para outros profissionais da equipe de saúde.

7.1 PACIENTES ACOMPANHADOS POR ENFERMEIROS COM ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM ESTÉTICA

Entre os 31 participantes da pesquisa, 16 (51,6%) informaram ter recebido acompanhamento pós-operatório de enfermeiros com especialização em Enfermagem Estética. Nesse grupo, sete participantes (43,8%) relataram alguma complicação, enquanto

nove (56,3%) não relataram intercorrências. Esse resultado demonstra que a presença do enfermeiro não elimina a possibilidade de complicações cirúrgicas, uma vez que fatores relacionados ao procedimento, às condições clínicas do paciente e ao processo de cicatrização também podem influenciar a recuperação.

Entretanto, a análise da experiência relatada pelos participantes permite discutir a importância da atuação do enfermeiro diante das intercorrências. A assistência de enfermagem no pós-operatório estético envolve avaliação clínica, acompanhamento da evolução da ferida operatória, identificação de sinais de alerta, orientação para o autocuidado e reconhecimento das situações que necessitam de avaliação médica. Quando uma complicação é identificada, a conduta deve ser definida conforme os achados clínicos, a competência profissional e os protocolos assistenciais aplicáveis.

Nesse contexto, a relevância da enfermagem não deve ser avaliada exclusivamente pela ausência de complicações, mas também pela capacidade de reconhecer alterações, orientar o paciente e providenciar o encaminhamento adequado quando necessário. As respostas abertas da pesquisa incluem relatos de encaminhamento ao médico e de experiências positivas com a assistência recebida. Esses relatos contribuem para discutir a importância do manejo responsável das intercorrências e da articulação entre os profissionais envolvidos no cuidado. Contudo, não permitem afirmar que todas as complicações foram resolvidas pelo enfermeiro ou que tiveram evolução favorável, pois esses desfechos não foram avaliados sistematicamente.

Esse entendimento pode ser relacionado ao estudo de Santos, Silva e Faria (2024), intitulado "A atuação do enfermeiro na especialidade de cirurgia plástica: relato de experiência". Os autores abordam a atuação da enfermagem em um serviço especializado em dermatologia e cirurgia plástica, destacando a importância da formação contínua, das habilidades técnicas e interpessoais e do trabalho colaborativo para a segurança do paciente. A aproximação entre esse estudo e os resultados da presente pesquisa está na necessidade de uma assistência organizada, fundamentada em conhecimento científico e capaz de acompanhar a evolução clínica do paciente durante o período pós-operatório. Por se tratar de

um relato de experiência, o artigo contextualiza a prática profissional, mas não comprova, isoladamente, que a presença do enfermeiro reduz a incidência de complicações.

Outro resultado relevante diz respeito à percepção dos pacientes sobre as orientações e a segurança durante o acompanhamento. Entre os participantes acompanhados por enfermeiros, 93,8% afirmaram que receberam orientações muito claras sobre os cuidados domiciliares, enquanto 93,8% relataram sentir-se totalmente seguros para esclarecer dúvidas com o profissional. Além disso, 93,8% informaram que o enfermeiro estava sempre disponível em situações de urgência ou diante de dúvidas importantes.

Esses resultados destacam a importância da educação em saúde no pós-operatório estético. Orientações sobre higiene, cuidados com a ferida operatória, uso adequado de dispositivos e malhas compressivas, restrições de atividades e reconhecimento de sinais de alerta devem ser individualizadas e compatíveis com as recomendações da equipe cirúrgica. A comunicação clara contribui para que o paciente compreenda os cuidados necessários e saiba quando procurar assistência diante de alterações durante a recuperação.

A Resolução Cofen nº 626/2020, que altera a Resolução Cofen nº 529/2016 e regulamenta aspectos da atuação do enfermeiro na área da estética, oferece fundamento para discutir a importância da consulta de enfermagem, das orientações para o autocuidado, da prescrição de cuidados domiciliares e do registro das ocorrências, observados os limites legais e técnicos da profissão. A aplicação dessa norma deve considerar o contexto assistencial, a qualificação profissional e as competências efetivamente autorizadas para cada procedimento. Dessa forma, a atuação do enfermeiro deve ser compreendida como parte de um cuidado planejado, documentado e articulado com os demais profissionais envolvidos na recuperação do paciente.

A revisão de Marçal et al. (2024), intitulada “Abordagem assistencial do enfermeiro no campo da estética”, também contribui para essa discussão ao abordar a assistência de enfermagem na área estética e a importância da qualificação profissional e da atualização científica. Em diálogo com os resultados desta pesquisa, essa perspectiva reforça a relevância de uma assistência fundamentada em conhecimento técnico, avaliação individualizada e

orientação adequada ao paciente.

A dimensão emocional também merece destaque. O período pós-operatório pode ser acompanhado por medo, ansiedade e insegurança, especialmente quando surgem alterações inesperadas na recuperação. Entre os pacientes acompanhados por enfermeiros, as avaliações referentes à confiança, à segurança, à clareza das orientações e à humanização foram predominantemente positivas. Nas sete afirmações avaliadas em escala de 1 a 5, esse grupo apresentou média de 4,75 em cada indicador, incluindo conhecimento técnico percebido, confiança nas intervenções, clareza das orientações, atenção, empatia e satisfação com o acompanhamento.

Esses dados demonstram uma percepção favorável da assistência recebida por esse grupo. Entretanto, as médias representam a avaliação dos participantes, e não uma medida objetiva da competência profissional ou da qualidade técnica de todos os procedimentos realizados.

A intenção de recomendar o profissional também foi elevada: 93,8% dos participantes acompanhados por enfermeiros afirmaram que o recomendariam com certeza. Esse achado sugere uma experiência positiva relacionada ao acompanhamento recebido, embora a recomendação seja uma medida de satisfação e não, isoladamente, uma comprovação da eficácia clínica da assistência.

Em relação à autonomia do enfermeiro, os resultados permitem discutir a importância de uma atuação fundamentada em conhecimento científico, avaliação clínica, planejamento, registro e educação em saúde. A autonomia profissional não significa atuação isolada ou substituição do cirurgião plástico, mas responsabilidade pelas decisões de enfermagem dentro das competências legais e técnicas, incluindo o reconhecimento de situações que exigem avaliação médica e o encaminhamento oportuno do paciente.

Portanto, os resultados desse grupo apontam uma experiência predominantemente favorável com o acompanhamento realizado por enfermeiros especializados, especialmente nos indicadores de orientação, segurança, disponibilidade e satisfação. Embora tenham

ocorrido complicações, os dados permitem destacar a importância do acompanhamento profissional e do reconhecimento adequado das intercorrências, sem atribuir ao enfermeiro, isoladamente, a prevenção ou a resolução de todos os problemas observados.

7.2 PACIENTES ACOMPANHADOS POR PROFISSIONAIS SEM FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM

O segundo grupo foi composto por 14 participantes (45,2%) que informaram ter recebido acompanhamento pós-operatório de profissionais sem formação em Enfermagem. Nesse grupo, dez participantes (71,4%) relataram alguma complicação, enquanto quatro (28,6%) afirmaram não ter apresentado intercorrências. Embora a proporção de complicações relatadas tenha sido maior nesse grupo do que entre os participantes acompanhados por enfermeiros, essa diferença deve ser interpretada com cautela, considerando o tamanho da amostra e a ausência de controle de outros fatores que podem influenciar a recuperação cirúrgica.

A análise das respostas evidencia dificuldades relatadas por parte dos pacientes quanto à clareza das orientações, à segurança para esclarecer dúvidas e à disponibilidade do profissional durante o acompanhamento. Apenas um participante desse grupo (7,1%) afirmou ter recebido orientações muito claras sobre os cuidados domiciliares. Nove (64,3%) consideraram as orientações pouco claras e quatro (28,6%) disseram não ter recebido orientações. Esses dados apontam uma fragilidade percebida na comunicação e na preparação dos pacientes para os cuidados necessários durante a recuperação.

A ausência de orientações suficientemente claras pode dificultar a compreensão dos cuidados domiciliares e o reconhecimento de alterações que precisam ser avaliadas. No pós-operatório estético, o paciente deve receber informações compatíveis com seu procedimento cirúrgico e compreender quais manifestações exigem contato com a equipe responsável. A educação em saúde constitui, portanto, um componente importante da assistência, independentemente da profissão do profissional que realiza o acompanhamento.

A percepção de segurança para esclarecer dúvidas também apresentou resultados

distintos. Nesse grupo, nenhum participante afirmou sentir-se totalmente seguro para esclarecer

dúvidas com o profissional responsável. Nove participantes (64,3%) relataram sentir-se parcialmente seguros, enquanto cinco (35,7%) disseram não se sentir seguros. Esse resultado sugere que parte dos pacientes vivenciou limitações na confiança estabelecida durante o acompanhamento.

Em relação à disponibilidade para situações de urgência ou dúvidas importantes, seis participantes (42,9%) informaram que o profissional estava disponível na maior parte das vezes, enquanto outros seis (42,9%) afirmaram que essa disponibilidade era rara. Dois participantes (14,3%) relataram que o profissional não estava disponível. Esses achados permitem discutir a importância do acesso oportuno à orientação e da definição de fluxos de encaminhamento para situações que necessitam de avaliação clínica.

Nas respostas abertas, alguns participantes relataram experiências positivas, destacando atenção, cuidado e empatia. Entretanto, também foram identificados relatos de orientações insuficientes, insegurança diante de complicações e necessidade de encaminhamento para avaliação médica. Um dos relatos menciona que o profissional encaminhou o paciente ao médico, enquanto outros apontam dificuldades para receber orientações sobre como agir diante de uma intercorrência.

Essas experiências evidenciam a importância de diferenciar a ocorrência de uma complicação da qualidade da resposta assistencial oferecida diante dela. Uma intercorrência pode ocorrer mesmo quando o acompanhamento é adequado; por outro lado, a ausência de orientações claras, a dificuldade de reconhecer sinais de alerta ou a falta de encaminhamento oportuno podem aumentar a insegurança do paciente e dificultar a continuidade do cuidado. Os relatos da pesquisa permitem identificar essas percepções, mas não são suficientes para determinar se todos os encaminhamentos foram necessários ou realizados no momento adequado.

A avaliação geral desse grupo também apresentou resultados menos favoráveis. Nas sete afirmações avaliadas em escala de 1 a 5, as médias variaram de 2,29 a 2,57, abrangendo segurança, conhecimento técnico percebido, confiança nas intervenções, clareza das

orientações, humanização, satisfação e intenção de recomendar o profissional. Além disso, dez participantes (71,4%) afirmaram que não recomendariam o profissional responsável pelo acompanhamento, enquanto quatro (28,6%) o recomendariam com ressalvas.

Esses resultados indicam insatisfação de parte dos participantes com a experiência recebida. A avaliação negativa não deve ser interpretada como prova de que todos os profissionais desse grupo

apresentam formação insuficiente ou realizam assistência inadequada. Entretanto, as respostas revelam aspectos da experiência dos pacientes que merecem atenção, especialmente no que diz respeito à orientação, à comunicação, à segurança percebida e à disponibilidade para esclarecimento de dúvidas.

O estudo de Santos, Silva e Faria (2024) contribui para contextualizar esses achados ao destacar a importância das habilidades técnicas e interpessoais e do trabalho colaborativo na assistência em cirurgia plástica. A comparação com a presente pesquisa reforça que o acompanhamento pós-operatório exige organização, comunicação e articulação entre os profissionais envolvidos. Quando surgem alterações clínicas, o reconhecimento dos limites de atuação e o encaminhamento adequado são fundamentais para a continuidade da assistência.

Da mesma forma, Marçal et al. (2024) oferecem uma referência para discutir a importância da qualificação e da atualização científica na assistência estética. No contexto desta pesquisa, os resultados sugerem que a experiência do paciente está relacionada não apenas aos procedimentos realizados, mas também à forma como as informações são transmitidas, às orientações fornecidas e à possibilidade de obter apoio durante a recuperação.

É importante ressaltar que a comparação entre enfermeiros e profissionais sem formação em Enfermagem não significa que apenas uma categoria profissional possa oferecer acolhimento ou orientação adequada. A pesquisa evidencia diferenças nas experiências relatadas por esses participantes, mas não permite generalizar os resultados para todos os profissionais ou serviços. Além disso, os procedimentos realizados por cada profissional devem respeitar sua formação, suas competências legais e os limites de atuação estabelecidos pelas normas aplicáveis.

Dessa maneira, os resultados desse grupo apontam dificuldades percebidas por parte dos pacientes, principalmente em relação à clareza das orientações, à segurança para esclarecer dúvidas, à disponibilidade do profissional e à satisfação com o acompanhamento. Esses achados reforçam a importância da qualificação profissional, da comunicação efetiva, da identificação de sinais de alerta e da articulação com a equipe responsável pela assistência cirúrgica.

SÍNTESE COMPARATIVA E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A comparação entre os dois grupos revelou diferenças nas experiências relatadas pelos participantes. Entre os pacientes acompanhados por enfermeiros com especialização em Enfermagem

Estética, observou-se menor proporção de complicações relatadas, avaliações mais favoráveis quanto à clareza das orientações e à segurança para esclarecer dúvidas, além de maior satisfação com o acompanhamento. Entre os participantes acompanhados por profissionais sem formação em Enfermagem, foram mais frequentes os relatos de complicações e as avaliações desfavoráveis relacionadas à orientação, à disponibilidade e à confiança no profissional.

Esses resultados contribuem para a discussão sobre a importância da enfermagem no pós-operatório estético, especialmente no que se refere à avaliação clínica, à educação em saúde, à continuidade da assistência, ao reconhecimento de sinais de alerta e ao encaminhamento oportuno de intercorrências. A atuação do enfermeiro deve ser compreendida dentro de suas competências legais e técnicas e em articulação com os demais profissionais envolvidos no cuidado.

Entretanto, os achados devem ser interpretados considerando as limitações da pesquisa. A amostra é composta por 31 participantes, os dados são autorreferidos e existe diversidade entre os procedimentos cirúrgicos e os modelos de acompanhamento. A pesquisa também não controla fatores como a extensão da cirurgia, as condições clínicas dos pacientes, as condutas do cirurgião e a frequência do acompanhamento. Além disso, as avaliações de conhecimento técnico e qualidade assistencial refletem a percepção dos participantes, não uma avaliação objetiva dos profissionais.

Assim, não é possível afirmar que a formação do profissional, isoladamente, determinou as diferenças observadas ou que a atuação do enfermeiro seja responsável, por si só, pela prevenção ou resolução das complicações. Estudos comparativos com amostras maiores, acompanhamento sistemático e avaliação dos desfechos clínicos são necessários para aprofundar essa questão.

Conclui-se que a presente pesquisa identificou diferenças relevantes na experiência relatada pelos pacientes conforme a formação do profissional responsável pelo acompanhamento pós-operatório. Os resultados destacam a importância de uma assistência qualificada, planejada, humanizada e fundamentada em conhecimento científico, com atenção à segurança do paciente, à comunicação, à educação em saúde e ao reconhecimento precoce de intercorrências. A contribuição do estudo está em evidenciar essas diferenças e reforçar a relevância de investigar, de forma mais aprofundada, a atuação da enfermagem no cuidado pós-operatório estético.

8 CONCLUSÃO

Diante dos dados analisados, é possível perceber que a vivência do paciente no pós-operatório estético é profundamente impactada pela qualificação do profissional que presta o acompanhamento. O estudo evidenciou que a presença do enfermeiro habilitado está diretamente associada a melhores índices de segurança percebida, clareza nas orientações, disponibilidade para o cuidado e satisfação geral do paciente. Enquanto o grupo acompanhado por enfermeiros especialistas apresentou altos índices de avaliação positiva (como 93,8% de orientações muito claras e segurança total), os pacientes assistidos por profissionais não habilitados relataram maiores dificuldades e inseguranças.

As diferentes implicações na saúde e na recuperação dos pacientes, apontadas no levantamento feito, levam a acreditar que a competência técnica e o respaldo legal do enfermeiro são fundamentais para a prevenção de complicações. A capacidade de realizar avaliação clínica criteriosa, manejar drenos, realizar punções e educar o paciente para o autocuidado diferencia significativamente a qualidade da assistência. Isso traz implicações

importantes para a prática profissional: a atuação de profissionais sem formação específica em enfermagem, além de configurar risco clínico e ético, compromete a experiência do paciente, que se sente desamparado diante das incertezas do período pós-operatório.

Apesar disso, o estudo contribui para dar visibilidade à perspectiva do paciente, ainda pouco explorada na literatura, e para fortalecer a Enfermagem Estética como campo de conhecimento científico. Recomenda-se que novas pesquisas usem amostras maiores e delineamentos comparativos mais robustos. Elas devem avaliar diretamente se o acompanhamento por enfermeiro qualificado modifica a incidência de seroma, deiscência, infecção, reinternação e outros desfechos. Recomenda-se também que os serviços de cirurgia plástica adotem protocolos de acompanhamento pós-operatório conduzidos por enfermeiros habilitados. Esses protocolos devem priorizar orientações claras, disponibilidade e acolhimento, para promover a segurança do paciente e a qualidade da recuperação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS)**: Global Survey 2024. [S. l.], 2024. Disponível em: https://www.isaps.org. Acesso em: 9 mar. 2026.

CARNEIRO, A. J. S. G.; SANTOS, J. R. Impacto das técnicas cirúrgicas na incidência de complicações em abdominoplastia: uma análise abrangente. **Caderno Pedagógico**, [s. l.], v. 21, n. 8, p. 3382-3394, 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução nº 529/2016**. Brasília: COFEN, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução nº 626/2020**. Brasília: COFEN, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução nº 715/2023**. Brasília: COFEN, 2023.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO ESPÍRITO SANTO. **Parecer Técnico nº 08/2024**. Vitória: COREN-ES, 2024.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO. **Parecer nº 001/2022**. São Paulo: COREN-SP, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução Cofen nº 626, de 20 de fevereiro de 2020. Altera a Resolução Cofen nº 529/2016, que trata da atuação do Enfermeiro na área da Estética. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-626-2020/. Acesso em: 17 out. 2026.

DUARTE, C. D. *et al*. Abdominoplastia: o papel do enfermeiro no pós-cirúrgico para eficácia dos resultados. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [s. l.], v. 11, n. 5, p. 1470-1481, 2025. *(Nota: Usei et al. pois são 5 autores, o que torna a leitura mais limpa).*

HUSSEIN, A. M. Enhancing patient safety in the operating room: a comprehensive guide from a nurse's perspective. **Open Journal of Nursing**, [s. l.], v. 14, n. 4, p. 214-221, 2024.

VAN WICKLIN, S. A. Fundamentals of plastic and aesthetic nursing: postoperative management of older adult patients undergoing plastic surgical procedures. **Plastic and Aesthetic Nursing**, [s. l.], v.

44, n. 2, p. 89-96, 2024ALUN

MARÇAL, Rulio Glecias da Silva; PEREIRA, Raylla Rodrigues; FARIAS, Antônio Carlos Araújo de; SILVA, Cristina Honório da. Abordagem assistencial do enfermeiro no campo da estética. Enfermagem Brasil, v. 23, n. 6, p. 2067–2082, 2024. DOI: https://doi.org/10.62827/eb.v23i6.4039. Disponível em: https://ojs.atlanticaeditora.com.br/index.php/Enfermagem-Brasil/article/download/339/864/4

893?inline=1.

SALES, Y. R. **Cuidados pós-operatórios de enfermagem**: impacto na melhora das feridas operatórias. 2024. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

SANTOS, Thiago Rodrigues dos; SILVA, Claudilene Fernandes da; FARIA, Luciane Ribeiro de. A atuação do enfermeiro na especialidade de cirurgia plástica: relato de experiência. Revista de Enfermagem da UFJF, v. 10, 2024. DOI: https://doi.org/10.34019/2446-5739.2024.v10.41876. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/enfermagem/article/view/41876.